

Quer entre a boca da noite e a madrugada, quer entre o crepúsculo matutino e o vespertino, a leitura das crônicas de Milton Dias constantes na obra **Entre a boca da noite e a madrugada** tudo aumenta – o prazer de ler, o conhecimento dos bichos, do tempo, das mulheres, dos homens, do mar, do sertão... Convidamos você a fruir do rico universo das madrugadas insones de Milton Dias.

- 01. A.** Acerca da vida e da obra de Milton Dias, assinale V ou F conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma.
- A.1. () A linguagem utilizada por Milton Dias, nas suas crônicas e nos seus poemas, deve-se à formação clássico-parnasiana do autor.
- A.2. () A maioria das personagens que aparecem nas crônicas de *Entre a boca da noite e a madrugada* faz parte da família e do grupo de amigos de Milton Dias.
- A.3. () O tempo evocado nos textos de *Entre a boca da noite e a madrugada* compreende o da vida de Milton Dias, pois as crônicas tratam, sobretudo, das experiências por ele vividas da infância à maturidade.
- A.4. () Em *Entre a boca da noite e a madrugada*, há crônicas que deixam entrever ter Milton Dias conhecido outros lugares do Brasil, o que certamente o ajudou a caracterizar, com bastante propriedade, o Nordeste e as demais regiões brasileiras.
- B.** Escolha uma assertiva que você considerou FALSA, identifique-a e reescreva-a, alterando as informações que a tornam falsa por outras que a tornem verdadeira.

Item _____

Questão 01

Respostas: F – V – V – V.

Comentário: A questão 01 explora conhecimentos acerca da vida e da obra de Milton Dias. No item **A**, apresentam-se afirmações que devem ser julgadas verdadeiras ou falsas. A afirmação A.1 é falsa, pois Milton Dias escreveu contos e crônicas, mas não escreveu poemas. Além disso, também é falsa no tocante à formação literária do autor, pois era modernista, o que se pode perceber pela linguagem por ele utilizada e pelos temas recorrentes em sua obra, geralmente ligados ao cotidiano. A afirmação A.2 é verdadeira, visto que a maioria das personagens que aparece nas suas crônicas faz parte, de fato, da sua família ou do seu grupo de amigos. Por exemplo, sabe-se que Alba Frota, personagem da crônica “Alba”, era sua amiga particular, e que Ana Gerviz era, além de prima, amiga. A afirmação A.3 é verdadeira, pois o tempo que vem à tona, nos textos de Milton Dias, é o mesmo da vida do cronista, ou seja, coincide com seu período de vida: vai da infância à maturidade. A afirmação A.4 é verdadeira, porque se sabe que, além de ele ter morado em São Paulo, onde foi professor do ensino secundário, algumas de suas crônicas dão conta de que esteve em outros lugares do Brasil, como se verifica em “Guardai-vos da rainha” e “O menino Valdir”, em que afirma ter estado em Minas Gerais. No item **B**, o candidato deve apontar como falsa a afirmação A.1 e corrigi-la da seguinte maneira: A linguagem utilizada por Milton Dias, nas suas crônicas e nos seus contos, deve-se à formação modernista do autor.

Pontuação: A questão vale dez pontos, assim distribuídos: o item **A** vale oito pontos, ou seja, dois pontos para cada resposta marcada corretamente; o item **B** vale dois pontos, ou seja, um para cada correção dos dois erros presentes em A.1.

02. Em *Entre a Boca da Noite e a Madrugada*, algumas crônicas remetem a versos, poemas ou canções de nomes consagrados da literatura e da música. Esse diálogo entre obras de diferentes autores chama-se *intertextualidade*. Geralmente, o produtor do texto faz essas referências para se posicionar favoravelmente (intertextualidade corroboradora), ou não (intertextualidade contestatória), ao que escreveram outras pessoas sobre o mesmo assunto. A seguir há duas colunas: na primeira, há excertos de crônicas de Milton Dias; na segunda, trechos de composições artísticas de nomes importantes da música e da literatura.

A. Numere a coluna 2 de modo a correlacionar os excertos das obras nela constantes aos trechos das crônicas de Milton Dias transcritos na coluna 1.

COLUNA 1

- (1) “A noite é de lua minguante num céu tranqüilo, sem estrelas, com algumas poucas nuvens brancas, paradas, decorando o azul pálido feito cenário de papelão – e uma insônia generosa que eu guardo e cultivo me traz de presente a madrugada envolta em mistério, animada por um vento leve, ameno, que vem do mar, enquanto a maldade humana dorme, tem direito a algumas horas de relaxamento, de intervalo e de repouso”.
- (2) “É muito bom sair, viajar, quebrar a rotina, mas é muito bom também voltar, retomar o canto em casa, no quarto, na cadeira de embalo, na rede de corda (...). Passado o alvoroço da volta, quando a rotina se instala, faço uma revisão do que deixei em casa, como quem dá um balanço: conto primeiro os pássaros, e verifico, com alegria, que estão vivos, passando muito bem”.
- (3) “Tem Minas, sim, e eu estive lá, cercado de Minas por todos os lados, até por cima, do lado do céu, que é também mineiro e lindo. Tem Minas, sim, verde e tranqüila, na paz amorável das suas águas e dos seus campos e das suas montanhas”.
- (4) “E depois das graças a Deus Nosso Senhor, quando fordes entregues à reincidência da vida, quando pedirdes um sorriso de flor cumprimentando o mundo, quando, versão atual de Moisés, começardes a contar memórias de um-quase-afogado, uma conclusão inevitável vos acorrerá por certo: não é doce morrer no mar”.
- (5) “Vou-me embora pro sertão, e lá onde eu vou ficar ainda tem bica, um jacaré bem na esquina da casa, esperando a gente para um banho de chuva (...). Tem graúna, tem canário, tem galo-de-campina, tem pintassilgo – está tudo cantando lá. Tem muito mais, depois eu conto”.
- (6) “Pois uma tarde destas, inesperadamente, o Golinha voltou sozinho. O papa-capim se mandou duma vez, não deu a menor notícia e desta atitude não nos ficou nenhuma mágoa”.
- (7) “Terrível essa plantação de cruzeiros ao longo do caminho (...). Terrível essa silenciosa e melancólica marcha para a solidão maior (...). Assim como agora, com a morte de Alba Frota (...). E outras miradas não sabem ter nossos olhos senão procurar entre as estrelas a que partiu (...)”.

COLUNA 2

- () “Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar”
Manuel Bandeira
- () “É doce morrer no mar
Nas ondas verdes do mar
A noite que ele não veio foi,
Foi de tristeza pra mim
Saveiro voltou sozinho
Triste noite foi pra mim”
Dorival Caymmi
- () “Quem não nos quer bem é que nos deixa. E quem não nos quer bem, deixá-los ir”.
Carlos de Queirós
- () “E agora, José?
(...)
Quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?”
Carlos Drummond de Andrade
- () “Quando uma virgem morre, uma estrella aparece
Nova, no velho engaste azul do firmamento,
E a alma da que morreu de momento a momento,
Na luz da que nasceu palpita e resplandece”.
Olavo Bilac

B. Classifique em *corroboradora* ou *contestatária* a intertextualidade estabelecida pela crônica de Milton Dias com:

B.1. o poema de Manuel Bandeira: _____.

B.2. a canção de Dorival Caymmi: _____.

B.3. o poema de Carlos de Queirós: _____.

B.4. o poema de Carlos Drummond de Andrade: _____.

B.5. o poema de Olavo Bilac: _____.

Questão 02

Resposta: item A: 5 – 4 – 6 – 3 – 7; item B: B.1) *intertextualidade corroboradora*; B.2) *intertextualidade contestatária*; B.3) *intertextualidade corroboradora*; B.4) *intertextualidade contestatária*; B.5) *intertextualidade corroboradora*.

Comentário: A questão 02 exige do vestibulando conhecimentos em torno do fenômeno da *intertextualidade*. Espera-se que o candidato seja capaz não só de relacionar corretamente, com base em determinados elementos textuais (nomeadamente vocábulos e sentenças, mas também com base nas principais ideias trazidas pelo texto), os excertos das crônicas de Milton Dias selecionados para esta questão aos das produções de Carlos de Queirós, Carlos Drummond de Andrade, Olavo Bilac, Dorival Caymmi e Manuel Bandeira, como também de classificar em *corroboradora* ou em *contestatária* a relação *intertextual* que foi estabelecida no contato entre esses textos. Para Vítor Manuel de Aguiar e Silva (*Teoria da Literatura*. 8. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 2006, p. 632.), a *intertextualidade* exerce função *corroboradora* quando “imita-se o texto modelar, cita-se o texto canônico, reitera-se o permanente, cultua-se a beleza e a sabedoria *sub specie aeternitatis* ou, pelo menos, *sub specie continuitatis*”, em suma, quando o pensamento do autor está de acordo com o que disseram outras pessoas sobre o mesmo assunto. A *intertextualidade* exerce função *contestatária*, por sua vez, quando funciona “como um meio de desqualificar, de contestar e destruir a tradição literária, o código literário vigente: a citação pode ser pejorativa e ter propósitos caricaturais; sob o signo da ironia e do burlesco, a paródia contradita, muitas vezes desprestigia e lacera, tanto formal como semanticamente, um texto relevante numa comunidade literária, procurando por conseguinte corroer ou ridicularizar o código literário subjacente a esse texto, bem como os códigos culturais correlatos, e tentando assim modificar o alfabeto, o código e a dinâmica do sistema literário”, enfim, quando o pensamento do autor discorda do que disse outra pessoa sobre o mesmo assunto. Com base no que foi dito, o excerto “Tem Minas, sim, e eu estive lá, cercado de Minas por todos os lados (...)”, da crônica de Milton Dias, estabelece uma *intertextualidade contestatária* com o poema “E agora, José?”, de Carlos Drummond de Andrade. É *contestatária* porque, ao contrário do que afirma Drummond, ao dizer que “Minas não há mais”, Milton Dias afirma ter estado lá. O excerto “E depois das graças a Deus Nosso Senhor, quando fordes entregues à reincidência da vida (...)”, da crônica de Milton Dias, também estabelece uma *intertextualidade contestatária* com a canção de Dorival Caymmi. É *contestatária* porque, ao contrário do que diz Caymmi (“é doce morrer no mar”), Milton Dias diz, na sua crônica, justamente o oposto: “não é doce morrer no mar”. O excerto “Vou-me embora pro sertão, e lá onde eu vou ficar ainda tem bica (...)”, da crônica de Milton Dias, estabelece uma *intertextualidade corroboradora* com o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira. É *corroboradora* porque Milton Dias, assim como Manuel Bandeira, acredita na existência de um lugar onde possa existir a felicidade sempiterna e para onde se deva fugir, em momentos de tristeza: Manuel Bandeira iria embora para Pasárgada, já a Pasárgada de Milton Dias seria o sertão, justamente o sertão do seu tempo de menino. O excerto “Pois uma tarde destas, inesperadamente, o Golinha voltou sozinho (...)”, da crônica de Milton Dias, estabelece uma *intertextualidade corroboradora* com os versos de Carlos de Queirós, porque Milton Dias inclusive utiliza os dois versos do poeta (“Quem não nos quer bem é que nos deixa. E quem não nos quer bem, deixá-los ir”) para indicar o comportamento do papa-capim, que, diferentemente do Golinha, “se mandou duma vez, não deu a menor notícia” e, garante o cronista: “desta atitude não nos ficou nenhuma mágoa”. Aqui aprendemos todos a lição do poeta Carlos de Queirós: “Quem não nos quer bem é que nos deixa. E quem não nos quer bem, deixá-los ir” (QUEIRÓS *apud* DIAS, 2008, p. 14.). O excerto “Terrível essa plantação de cruces ao longo do caminho (...)”, da crônica de Milton Dias, estabelece uma *intertextualidade corroboradora* com o poema “Virgens mortas”, de Olavo Bilac, porque Milton Dias, a exemplo da homenagem que fez Bilac, em seu poema, às virgens (“Quando uma virgem morre, uma estrela aparece, Nova, no velho engaste azul do firmamento”), exalta sua amiga Alba Frota, devido ao comportamento e ao caráter dela, ao ponto de colocá-la, após sua morte, entre as estrelas do firmamento. Os excertos “A noite é de lua minguante num céu tranqüilo (...)” e “É muito bom sair, viajar, quebrar a rotina, mas é muito bom também voltar (...)” não estabelecem relação *intertextual* com nenhum dos

trechos dos poemas selecionados, bem como não realizam *intertextualidade* com a canção de Dorival Caymmi.

Pontuação: A questão vale dez pontos, assim distribuídos: o item A vale cinco pontos, ou seja, um ponto para cada resposta marcada corretamente; o item B vale cinco pontos, um para cada indicação correta do tipo de intertextualidade.

03. A crônica é uma expressão literária mista, em termos de forma e de conteúdo; pode assemelhar-se a gêneros, como a epístola, o memorial, a oração etc. Considere o código que segue e preencha os parênteses com o número referente ao gênero textual ao qual corresponde, quanto à configuração, o excerto transcrito da crônica de Milton Dias.

- (1) conto
- (2) poema
- (3) memorial
- (4) epístola
- (5) oração

- () “Um inesperado cheiro de café torrado em casa me agrediu agradavelmente, impunemente, na tarde de ontem, numa rua sossegada e distante desta cidade, quando eu buscava localizar um endereço desconhecido – e me devolveu de repente ao sertão antigo outrora e outras tardes preguiçosas como esta, longas, tranqüilas, intermináveis tardes de verão, de sol medonho e calor grande. (...) O cheiro de café torrado me trouxe de volta à nossa casa da esquina”.
- () “De todas as outras, Senhor, as que não queremos ver com os olhos do corpo nem do pensamento, as amargas, as tristes, as infieis, as hipócritas, as impudicas, as inimigas, as loucas, livrai-nos, Senhor. Dai-lhes muitas alegrias, concedei-lhes a paz, a prosperidade, a boa sorte e as conservei longe de nós”.
- () “Infeliz Inocêncio, tão cheio de obrigação, carregado de filhos, sofrendo cobranças diárias, amargurejava uma pobreza lamurienta, pegajosa, vizinha da miséria propriamente dita, só encontrando algum consolo no ódio incansável aos patrões, que ele dissimulava com habilidade e hipocrisia (...). Felizmente, no protesto contra os patrões, encontrava a solidariedade dos colegas da firma, explorados como ele (...). Recorriam, diariamente, ao jogo-do-bicho e à loteria (...). Cada manhã, quando esperavam a hora de entrar, discutiam notícias políticas (...). Inocêncio não perdia oportunidade de se queixar, caía num plano quase masoquista”.
- () “Já foi aurora, foi manhã e foi tarde, agora é crepúsculo, e o homem que assistiu a tudo e não semeou bem está cheio de desespero diante da noite próxima. O homem só encontrou tempo para se encher de dinheiro e de egoísmo. Nas candeias do pensamento, queima o óleo do pessimismo devorante e da angústia assassina, usa melancolia no coração inquieto e em torno de si só descobre amargura. Porque não fez amigo nem entre os seus mais seus. (...) À fonte dos desejos compareceu ávido e assíduo, mas cedo a avareza lhe quebrou o encanto, como o cântaro da lenda”.
- () “Amiga, recebi finalmente sua carta, com as notícias boas da temporada européia, esnobando, falando de frio, de vinho tinto ao pé da lareira e me matando de inveja. Distribuí tudo com os amigos e lhe informo honestamente que as saudades ainda não baixaram, continuam como rio cheio em tempo de inverno bom”.
- () “Depois da hora neutra que separa um dia do outro, o moço se deu conta (...) da (...) bonita presença no ambiente festivo (...) do clube (...), e os seus olhos não viram mais nada (...). Mas havia uma legião de cavalheiros (...) fazendo à Bela uma corte fidalga. Ficou-se o moço na sua mesa, (...) naquela atitude silenciosa, de discreta observação (...), até que ocorreu o instante mágico (...), aquele em que a Bela deixou a festa, também como nas histórias antigas, e foi levada a dormir. Mas (...) o moço seguia o carro da sua Bela (...). Havia um gesto a cumprir. E foi cumprido, então, um grande, belo, nobre gesto”.
- () “Abro [a caderneta] ao acaso, muito adiante, vejo o nome de Maria Alice Guimarães e me comovo, dentro da madrugada. Não faz três dias, li a notícia de sua morte. E eu me lembro de Maria Alice ao tempo em que, mal saída professora do Colégio da Imaculada Conceição, gordinha, pequena, de longas tranças que lhe batiam na cintura, o sorriso de menina ingênua, o andar miúdo, a fala rápida, instalara um curso de admissão ali na esquina Santos Dumont com a Dom Manuel”.
- () “Ah meu Deus, se repetir esta manhã, como ousou lhe pedir, não esqueça a cor do tempo, que esta cor é exclusiva do Ceará, feita duma tinta que só o Senhor reserva só para nós, tão especial e ao mesmo tempo tão surpreendente, que parece sempre inédita”.

- () “Este sol crepuscular me conduz a Recife, às tristes, belas tardes domingueiras do Recife – os últimos raios tirando reflexos do Capibaribe, as moças chegando para sentar no “quem-me-quer”, a ponte Buarque de Macedo falando de holandeses e, por entre coqueiros de Olinda distante, a silenciosa sugestão duma cantiga de antigamente, em que havia palmeiras bizarras por onde cantavam todas as cigarras, sob o pó de ouro do sol”.
- () “Devia estar beirando os sessenta anos (...). Chamavam-no Janot (...). Diziam que se desligara da província quando enviuvou sem filhos. Cortou amarras como quem bate o pó dos sapatos (...). Às vezes desaparecia. Um mês, dois, sem vir aos bares da antiga convivência (...). Um dia apareceu acompanhado de Alice (...). Pouco depois foi o demônio da moléstia que o prostrou. Foi Alice quem cuidou dele, (...) quem comunicou a morte aos amigos, numa carta de choro enxuto, digno, mas muito sentido”.

Questão 03

Resposta: 3 – 5 – 1 – 2 – 4 – 1 – 3 – 5 – 3 – 1.

Comentário: A questão 03 exige do vestibulando conhecimentos em torno dos gêneros textuais, principalmente no que concerne aos subgêneros literários. Espera-se que o candidato seja capaz de perceber a crônica como uma expressão literária mista, ou seja, com características de vários gêneros textuais, e, a partir disso, que possa indicar o gênero textual ou o subgênero literário a que cada uma das crônicas de Milton Dias corresponde, considerando a configuração. O caráter plural da crônica já foi atestado por muitos críticos literários; dentre esses, está Massaud Moisés, que, no seu *Dicionário de termos literários* (9. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.), diz: “Na verdade, classifica-se como expressão literária híbrida, ou múltipla, de vez que pode assumir a forma de alegoria, necrológio, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, em torno de personagens reais e/ou imaginárias, etc. A análise dessas várias facetas permite inferir que a crônica constitui o lugar geográfico entre a poesia (lírica) e o conto: implicando sempre a visão pessoal, subjetiva, ante um fato qualquer do cotidiano, a crônica estimula a veia poética do prosador; ou dá margem a que este revele seus dotes de contador de histórias. No primeiro caso, o resultado pode ser um autêntico poema em prosa; no segundo, um conto. Quando não se define completamente por um dos extremos, a crônica oscila (...) numa das numerosas posições intermediárias” (p. 133). Com relação às temáticas abordadas pelas crônicas, Massaud Moisés, em *A criação literária – Prosa II: prosa poética, ensaio, crônica, teatro, jornalismo, crítica literária* (17. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.), afirma: “qualquer tema serve[-]lhe de assunto (até a falta de assunto, tema glosado praticamente por todos os cronistas), quer de política, economia, sociologia, quer de futebol, trânsito, viagens, amizade, etc., e desenvolvido em variegada clave emocional, desde a trágica até a cômica, passando pela humorística, pessimista, depressiva, otimista, etc.” (p. 110). Nesta obra, Massaud Moisés afirma que toda “crônica literária oscila, por conseguinte, entre a poesia e o conto” (p. 110); o que faria com que uma crônica fosse tida como conto ou como poema seria a preponderância, no seu bojo, do aspecto narrativo ou do contemplativo, como se pode ler ainda neste trecho d’*A criação literária – Prosa II*: “E quando o caráter literário assume a primazia, a crônica deriva para o conto ou a poesia, conforme se acentue o aspecto narrativo ou o contemplativo” (p. 108). Nos excertos das crônicas de Milton Dias selecionadas para esta questão, três apresentam um caráter predominantemente narrativo: “Infeliz Inocêncio, tão cheio de obrigação, carregado de filhos (...)”; “Depois da hora neutra que separa um dia do outro, o moço se deu conta (...) da (...) bonita presença no ambiente festivo (...) do clube (...)” e “Devia estar beirando os sessenta anos (...). Chamavam-no Janot (...)”, pois, como disse Massaud Moisés, “prima[m] pela ênfase posta no ‘não-eu’, no acontecimento que provocou a atenção do escritor. (...) Não significa que o escritor se alheia do acontecimento, pois que a própria crônica testemunha uma adesão interessada – mas que o acontecimento tão-somente requer o seu cronista, inclusive no sentido etimológico do termo, ou seja, o seu historiador” (p. 115). Além de terem sido escritas com verbos em “terceira pessoa”, o que serve para reforçar o fato de estarem voltadas para o “não-eu”, essas três crônicas apresentam todos os elementos comuns ao conto ou às demais narrativas: enredo, tempo, espaço, personagens e narrador. O excerto “Já foi aurora, foi manhã e foi tarde, agora é crepúsculo (...)”, por seu teor contemplativo, ou seja, por se “concentrar longamente (...) em algo” ou por se tratar de uma “profunda aplicação da mente em abstrações; meditação, reflexão” (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*), aproxima-se da poesia metafísica, ou do poema metafísico. Milton Dias, ao pensar sobre o Homem, aproxima bastante essa crônica aos poemas metafísicos, filosóficos ou contemplativos de Camões e de Álvaro de Campos, por exemplo. Além disso, a alta carga de figuras de linguagem presentes nessa crônica, sobretudo metáforas (“aurora”, “manhã”, “tarde”, “crepúsculo” e “noite” para se referir a cada uma das fases da vida: nascimento, infância, adolescência, maturidade, velhice e morte) e comparações (“mas cedo a avareza lhe quebrou o encanto, como o cântaro da lenda”), dá-lhe *status* de poema; daí poder ser a crônica chamada de “prosa poemática”, “crônica-poema” ou

“poema em prosa” e de ser inserida “no âmbito da prosa poética” (MOISÉS, 2001, p. 112.). Não que não haja metáforas nas crônicas que se aproximam de contos, uma vez que a metáfora é inerente ao texto literário, mas, quando a crônica aproxima-se do poema, percebe-se que ela possui uma carga de figuras de linguagem (sobretudo metáforas e comparações) infinitamente superior, pois, como disse Ezra Pound, em *ABC da Literatura* (9. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.), “Literatura é linguagem carregada de significado [leia-se “de plurissignificação; de metaforizações”]” (p. 32); mas “Grande literatura [leia-se “Poesia”] é simplesmente linguagem carregada de significado [leia-se “de plurissignificação; de metaforizações”] até o máximo grau possível”. Os excertos “Um inesperado cheiro de café torrado em casa me agrediu agradavelmente, impunemente, na tarde de ontem (...)”; “Abro [a caderneta] ao acaso, muito adiante, vejo o nome de Maria Alice Guimarães e me comovo, dentro da madrugada (...)” e “Este sol crepuscular me conduz a Recife, às tristes, belas tardes domingueiras do Recife” aproximam-se de memoriais ou de memórias. Massaud Moisés (1999, p. 50.) afirma ser “difícil traçar o limite exato entre a biografia, as memórias, o diário íntimo e as confissões, visto conterem, cada qual, a seu modo, o mesmo extravasamento do ‘eu’. Enquanto a biografia permite supor o relato objetivo e completo de uma existência, tendo ela própria como centro, as memórias implicam um à-vontade na reestruturação dos acontecimentos e a inclusão de pessoas com as quais o biógrafo teria entrado em contacto”. Assim sendo, esses três excertos de crônicas aproximam-se do memorial por cumprirem estas três características básicas: tratarem-se de um extravasamento do eu, reestruturarem acontecimentos e incluírem pessoas com as quais o cronista entrou em contato. Exatamente por isso é que se pode perceber com facilidade que as crônicas que se aproximam de memoriais são escritas em “primeira pessoa” (“abro”, “vejo”, “me comovo”, “li”, “me lembro”), com verbos no pretérito (“me agrediu”, “me devolveu”), e fazem alusões a lugares (“sertão antigo”; “Recife”) e a pessoas (“Maria Alice Guimarães”) que o cronista conheceu ao longo de sua vida. O excerto “Amiga, recebi finalmente sua carta, com as notícias boas da temporada européia” aproxima-se, como não poderia deixar de ser, do gênero epistolar. Duas palavras do excerto corroboram com o que foi dito: “Amiga”, vocativo, para quem o cronista reporta-se, ou seja, a quem se destina a crônica em forma de correspondência; e “carta”, sinônimo de “epístola”. Os excertos “De todas as outras, Senhor, as que não queremos ver com os olhos do corpo nem do pensamento (...)” e “Ah meu Deus, se repetir esta manhã, como ousou lhe pedir, não esqueça a cor do tempo (...)” aproximam-se da oração: os vocativos “Senhor” e “meu Deus”, aliados aos verbos no imperativo (“livrai-nos”, “Dai-lhes”, “concedei-lhes”, “conservai”, “não esqueça”), que demonstram exortação, constituem-se características desse gênero textual. Os excertos foram transcritos, respectivamente, das crônicas “Tarde antiga”, “Salmo do homem só”, “Touro na 0084”, “Réquiem”, “Acácias, gatos e pássaros”, “Rosas da madrugada”, “Madrugada III”, “Antes que maio termine”, “Domingo à tarde”, “No outono”.

Pontuação: A questão vale dez pontos, sendo um ponto para cada indicação correta do gênero textual ao qual o excerto da crônica de Milton Dias se aproxima.

Leia o texto a seguir, que servirá às questões de 04 a 08.

Touro, na 0084

01 Uma tarde, àquela hora angustiada da espera do bicho, praticamente desligado da realidade, perdido
02 em sonhos e projetos, o telefone tocou, na mesa vizinha, ele atendeu. Era uma voz de rapazote
03 chamando Vivaldo, que se ausentara um momento:

04 – Olhe aqui! Seu Vivaldo pediu para informar a milhar assim que corresse. Por favor, diga a ele que
05 deu o touro na 0084.

06 Inocência empalideceu, pediu que repetisse, que aguardasse um minuto. Arrancou do bolso a pule,
07 num gesto nervoso, conferindo, constatou: era a milhar que tinha jogado, não havia dúvida. E repôs
08 violentamente o fone no gancho.

09 A pele mulata retomou sangue subitamente, passou da palidez ao rubor, e Inocência anunciou aos
10 gritos para os companheiros: Deu o touro, ganhei! Deu o touro na 0084, nós ganhamos, eu e o Vivaldo!
11 E apoplético, as veias do pescoço saltadas, o olhar esgazeado, caminhou, como um autômato, em
12 direção ao gabinete da gerência, abriu a porta intempestivamente, sem se anunciar. E diante do gerente
13 gordo, atônito, lento, instalado como um rei, abanou-lhe o queixo com a pule, gritou triunfante:

14 – Tá vendo isto aqui? É a minha carta de alforria! Não preciso mais desta droga nem uma hora!
15 Vão-se todos pro inferno, magote de miserável! Já ouviu? Pro inferno! E saiu, batendo a porta com
16 estrépito.

17 Deixou o gerente incapaz de entender aquele destampatório insólito, da parte de quem sempre se
18 manifestara aparentemente dócil, quase servil, junto aos chefes. Voltou, em seguida, ao escritório, riu
19 para os colegas o riso da vitória e ainda excitado, agitando a pule como bandeira da vitória, comentou,
20 quase aos gritos, entre aliviado e superior: – Eu sabia! Eu sabia que havia de me livrar desta corja...

21 Nisto, Vivaldo entrou na sala. Inocência encaminhou-se para ele, abriu-lhe os braços num gesto de

22 confraternização e de alegria, num convite tácito para a comemoração em comum do grande momento,
23 a boca rasgada num riso amplo, os olhos faiscando de felicidade.
24 De repente, numa fração de segundo, surpreendeu no olhar do companheiro uma expressão velhaca, um
25 raio matreiro, de inteligência e de mofa, acompanhado dum riso inesquecível, irônico, quase zombeteiro. O
26 qual riso, crescendo numa crise incontida, explodiu numa gargalhada achincalhante, revelando, sem
27 palavras, que Vivaldo lhe pregara uma peça e que a estória toda da milhar não passava de um trote.

DIAS, Milton. *Entre a boca da noite e a madrugada*. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 24-25. Coleção Literatura no Vestibular.

04. Analise o que se pede em cada subitem a seguir e assinale a **única** alternativa correta para cada um. A escolha de mais de uma alternativa por item anula a resposta.

4.1. Da leitura do texto, depreende-se que Inocêncio esperava vir, do sucesso no jogo, sua redenção financeira e, por consequência, sua alforria da Companhia para a qual trabalhava; por isso, a hora da espera do bicho era “angustiosa” (linha 01). Nessa hora, Inocêncio desligava-se da realidade e perdia-se “em sonhos e projetos” (linha 02). Essa atitude de Inocêncio vai de encontro ao dito popular:

- () Quem não arrisca não petisca.
- () Não confie na sorte, o triunfo nasce da luta.
- () Aproveite a sorte, enquanto ela está a seu favor.

4.2. Ao acreditar que ganhara no jogo-do-bicho, Inocêncio invade a sala do gerente da Companhia onde trabalha e diz tudo o que pensa (linhas 11-16). Logo depois, porém, toma conhecimento de que “a estória toda da milhar não passava de um trote” (linha 27). Inocêncio teria poupado a si mesmo do ridículo caso tivesse aplicado a lição do seguinte dito popular:

- () O que guarda sua boca conserva sua alma.
- () Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.
- () O sol nasce para todos, a lua para quem merece.

4.3. A reação de Inocêncio deixou “o gerente incapaz de entender aquele destampatório insólito, da parte de quem sempre se manifestara aparentemente dócil, quase servil, junto aos chefes” (linhas 17-18). Aplica-se ao caso de Inocêncio o dito popular:

- () As aparências enganam.
- () Quem espera sempre alcança.
- () Depois da tormenta, sempre vem a bonança.

4.4. Em relação a Inocêncio, Vivaldo mostrou ser um amigo ao qual se aplica o dito popular:

- () Amigos, amigos; negócios, à parte.
- () Amigo disfarçado, inimigo dobrado.
- () É na necessidade que se conhece o amigo.

4.5. Quando ainda não sabia que “a estória toda da milhar não passava de um trote” (linha 27), Inocêncio “riu para os colegas o riso da vitória” (linhas 18-19). Na continuidade, lê-se sobre a reação de Vivaldo ao revelar o trote: “O qual riso, crescendo numa crise incontida, explodiu numa gargalhada achincalhante.” (linhas 25-26). Aplica-se ao riso de Inocêncio o dito popular:

- () Muito riso, pouco siso.
- () Rir é o melhor remédio.
- () Quem ri por último ri melhor.

Questão 04

Respostas: 4.1. Não confie na sorte. O triunfo nasce da luta; 4.2. O que guarda sua boca conserva sua alma. 4.3. As aparências enganam. 4.4. Amigo disfarçado, inimigo dobrado. 4.5. Muito riso, pouco siso.

Comentário: A questão 04 explora compreensão leitora, requerendo do vestibulando a habilidade de lidar com a intertextualidade exoliterária, na medida em que solicita ao candidato que, em cada subitem, assinale o dito popular que se aplica ao aspecto, em destaque, do enredo do texto da prova. O item 4.1. solicita que o candidato assinale o dito popular que **vai de encontro**, ou seja, que contraria a atitude da personagem Inocêncio quanto à crença na prática do jogo como meio de redenção financeira. O dito popular “Não confie na sorte, o triunfo nasce da luta” vai de encontro a essa atitude de Inocêncio. Os dois outros ditos são inadequados, como resposta, porque os ditos populares “Quem não arrisca não petisca” e “Aproveite a sorte, enquanto ela está a seu favor” vão ao encontro, ou seja, corroboram a atitude de Inocêncio em relação ao jogo como mecanismo de conquista do padrão financeiro almejado. O item 4.2. solicita ao candidato que assinale o dito popular cuja orientação, se seguida por Inocêncio, ter-lhe-ia poupado do vexame decorrente de sua atitude intempestiva junto aos chefes da Companhia para a qual trabalhava. Segundo se lê no texto, ao acreditar que lograra êxito no jogo-do-bicho, Inocêncio invade a sala do gerente da Companhia e diz tudo o que pensa (linhas 11-16). Logo, porém, toma conhecimento de que “a estória toda da milhar não passava de um trote” (linha 27). É correto afirmar que Inocêncio teria

poupado a si mesmo do ridículo caso tivesse aplicado a lição do dito popular “O que guarda sua boca conserva sua alma”. Depreende-se deste dito que é preciso pensar antes de falar, pois a fala irrefletida gera muitos problemas; expõe desnecessariamente a pessoa ao vexame. O provérbio “Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje” não deve ser assinalado porque Inocêncio caiu no ridículo exatamente por não ter deixado seu desabafo para o dia de amanhã; ele agiu intempestivamente. Daí, por não ter averiguado a veracidade do telefonema que o informou de seu suposto êxito no jogo-do-bicho, ele realiza “hoje” o que “amanhã” o encheria de vergonha. O provérbio “O sol nasce para todos, a lua para quem merece” também não se aplica ao caso mencionado. Inocêncio caiu no ridículo exatamente por ter passado a considerar a si mesmo como “merecedor da lua”, como alguém superior, uma vez achar que agora era um homem rico e, assim, estava em condições de enfrentar e destratar os chefes da Companhia, pois não precisaria mais trabalhar nela. O item 4.3. solicita que o candidato assinale o dito popular que se aplica a Inocêncio no que concerne à sua mudança brusca de atitude – de alguém que sempre se manifestara aparentemente dócil, quase servil, junto aos chefes, para alguém agressivo, que demonstra profundo desprezo pelos chefes. O dito popular “As aparências enganam” aplica-se ao caso de Inocêncio. A sensação de estar rico fez Inocêncio revelar seus verdadeiros sentimentos, os quais ele camuflava por medo de perder o emprego. Os dois outros provérbios “Quem espera sempre alcança” e “Depois da tormenta sempre vem a bonança” não se aplicam a essa mudança brusca de Inocêncio. Nem Inocêncio foi recompensado com algo de positivo por ter exercido a paciência, conforme o dito “Quem espera sempre alcança”, tampouco a bonança sobreveio a Inocêncio, uma vez que “a estória toda da milhar não passava de um trote”. O item 4.4. solicita ao candidato que assinale o dito popular que se aplica ao tipo de amigo que Vivaldo revela ser para Inocêncio. É correto afirmar que o dito popular “Amigo disfarçado, inimigo dobrado” aplica-se a Vivaldo. Segundo se lê no texto, Vivaldo prega uma peça em Inocêncio. Este amigo de trabalho retira-se da sala no horário em que habitualmente sai o resultado do jogo-do-bicho, daí o telefone de sua mesa toca e, tendo em vista sua ausência, é Inocêncio quem atende ao telefone. No outro lado da linha, uma voz informa um suposto resultado do jogo-do-bicho, que condiz com a aposta feita por Inocêncio e Vivaldo: ambos acertaram a milhar. O fato é que tudo não passava de um trote que Vivaldo pregara em Inocêncio. Esta brincadeira, porém, leva Inocêncio a atitudes irreversíveis, uma vez que, como um autômato, ele invade a sala do seu chefe e o agride verbalmente, estendendo seu destampatório insólito a todos os chefes da empresa. Quando se tem um amigo como Vivaldo, inimigos são desnecessários. O dito popular “Amigos, amigos; negócios, à parte” não se aplica ao tipo de amigo que é Vivaldo. Não há, no texto, menção a relações de negócios entre Vivaldo e Inocêncio, ambos são funcionários de uma mesma companhia. O dito popular “É na necessidade que se conhece o amigo” também não se aplica a Vivaldo. Não há, no texto, referências a Vivaldo como amigo na hora da necessidade. A solidariedade demonstrada por Vivaldo era apenas para fazer coro às queixas contra os patrões. O item 4.5. solicita ao candidato que assinale o dito popular que se aplica ao riso de Inocêncio, em uma referência direta ao excerto do texto em que se lê “Voltou em seguida, ao escritório, riu para os colegas o riso da vitória, comentou, quase aos gritos, entre aliviado e superior: – Eu sabia! Eu sabia que havia de me livrar desta corja...” (linhas 18-20). É correto afirmar que o dito popular “Muito riso, pouco siso” aplica-se ao riso de Inocêncio, que, naquele momento, se sente superior em relação a seus colegas em decorrência do suposto sucesso no jogo-do-bicho e que evidencia, com o seu riso, pouco siso, ou seja, pouco juízo. O dito popular “Rir é o melhor remédio” não se aplica ao riso de Inocêncio. Desse provérbio depreende-se que, em situações difíceis, encarar os obstáculos de modo positivo é o melhor remédio. Esse provérbio também cristaliza o que hoje é um conhecimento com respaldo empírico, pois a ciência já constatou que o riso tem poder curativo. O dito popular “Quem ri por último ri melhor” não pode ser associado ao riso de Inocêncio; aplicar-se-ia, sim, ao riso de Vivaldo, que ri por último, comprazendo-se do ridículo de Inocêncio.

Pontuação: A questão vale dez pontos, sendo dois pontos para cada indicação da resposta correta.

05. A seguir, na coluna da esquerda, há expressões transcritas do texto; na da direita, palavras que semanticamente equivalem às empregadas por Milton Dias na sua crônica. Associe as duas colunas de modo a relacionar as expressões de acordo com o valor semântico que é abonado pelo contexto da crônica.

- | | |
|-------------------------------------|----------------------|
| (1) “apoplético” (linha 11) | () furioso |
| (2) “esgazeado” (linha 11) | () ardiloso |
| (3) “como um autômato” (linha 11) | () trapaceira |
| (4) “estrépito” (linha 16) | () destempero |
| (5) “destampatório” (linha 17) | () desnorteado |
| (6) “velhaca” (linha 24) | () ludibriadora |
| (7) “matreiro” (linha 25) | () escarnecedora |
| (8) “achincalhante” (linha 26) | () ridicularizante |
| | () maquinalmente |
| | () ruído estrondoso |

Questão 05

Respostas: (1) – (7) – (6) – (5) – (2) – (6) – (8) – (8) – (3) – (4)

Comentário:

A questão 05 explora vocabulário, requerendo que o candidato associe corretamente as duas colunas constantes na questão de modo a relacionar as expressões de acordo com o valor semântico que é abonado pelo contexto da crônica “Touro, na 0084”, na qual se lê que Inocêncio, após acreditar ter-se tornado um homem rico, em decorrência do êxito no jogo-do-bicho, dá vazão a todo o ódio que sentira pelos patrões. Assim, **apoplético (furioso)**, as veias do pescoço saltadas (o que é um indício físico de extrema exaltação), com o olhar **esgazeado (desnorteado)**, ele caminhou **como um autômato (maquinalmente)**, em direção ao gabinete da gerência. Após extravasar, ou seja, revelar seus reais sentimentos quanto aos seus patrões, Inocêncio sai da sala do gerente, batendo a porta com **estrépito (ruído estrondoso)**. Obviamente, o gerente não compreendeu aquele **destampatório (destempero)** insólito da parte de quem sempre se manifestara aparentemente dócil, quase servil, junto aos chefes. Porém a felicidade de Inocêncio é fugaz, passageira. Logo, o olhar do colega Vivaldo revela algo terrível: a história toda da milhar não passava de um trote. Essa revelação é como o crepúsculo matutino, que clareia progressivamente: principia-se no olhar de Vivaldo, no qual Inocêncio nota uma expressão **velhaca (trapaceira, ludibriadora)**, um raio **matreiro (ardiloso)**; prossegue no riso irônico e culmina em uma gargalhada **achincalhante (escarnecedora, ridicularizante)**. Nesse contexto, as palavras são desnecessárias: Vivaldo pregara uma peça em Inocêncio.

Pontuação: A questão vale dez pontos, sendo um para cada preenchimento correto.

06. Analise o que se pede em cada subitem a seguir e assinale a ÚNICA alternativa correta para cada item. A escolha de mais de uma alternativa por item anula a resposta.

6.1 Em “Inocêncio anunciou aos gritos para os companheiros: Deu o touro, ganhei!” (linhas 09-10),

os dois pontos são usados para:

- () sugerir explicação.
- () indicar quebra na sequência de ideias.
- () introduzir declaração em estilo direto.

6.2 Em “– Eu sabia! Eu sabia que havia de me livrar desta corja...” (linha 20), as reticências são usadas para:

- () denotar interrupção do pensamento.
- () indicar a não-resposta do interlocutor.
- () denotar hesitação em anunciar o pensamento.

6.3 Em “Vão-se todos pro inferno, magote de miserável!” (linha 15), a vírgula é usada para:

- () isolar o vocativo.
- () isolar o adjunto adnominal.
- () separar termos coordenados.

- 6.4 Em “Era uma voz de rapazote chamando Vivaldo, que se ausentara um momento” (linhas 02-03), a **vírgula** é usada para separar oração:
- () adverbial consecutiva.
 - () adjetiva explicativa.
 - () intercalada.
- 6.5 Em “– Olhe aqui! Seu Vivaldo pediu para informar a milhar assim que corresse.” (linha 04), o **travessão** é usado para:
- () denotar pausa mais forte.
 - () indicar mudança de interlocutor.
 - () assinalar uma expressão intercalada.

Questão 06

Respostas: 6.1. introduzir declaração em estilo direto. 6.2. denotar interrupção do pensamento. 6.3. isolar o vocativo. 6.4. adjetiva explicativa. 6.5 indicar mudança de interlocutor.

Comentário: A questão 06 explora a compreensão do uso da pontuação na tessitura do texto, especificamente o uso dos dois-pontos (item 6.1), das reticências (item 6.2), da vírgula (itens 6.3 e 6.4) e do travessão (item 6.5). Acerca do uso dos **dois-pontos** na construção textual, lemos em Bechara (1999, p. 611) que “usam-se dois pontos na: 1) enumeração, explicitação, notícia subsidiária (...); 2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer, retrucar, responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa (...). Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão (...); 3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou conseqüência (...)”. Com base nesse conhecimento, tem-se que, em “A pele mulata retomou sangue subitamente, passou da palidez ao rubor, e Inocêncio anunciou aos gritos para os companheiros: Deu o touro, ganhei! Deu o touro na 0084, nós ganhamos, eu e o Vivaldo!” (linhas 09-11), os **dois-pontos** são usados para caracterizar textualmente o discurso da personagem. Acerca do uso das **reticências** na construção textual, lê-se em Bechara (1999, p. 608) que elas “denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intercalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra) ou hesitação em enunciá-lo.” Servem também para “indicar uma enumeração inconclusa” e para indicar “a não-reposta do interlocutor”. Com base nesse conhecimento, tem-se que, em “– Eu sabia! Eu sabia que havia de me livrar desta corja...” (linha 20), as **reticências** são usadas para denotar interrupção do pensamento. No texto, lê-se que, quando Inocêncio está se vangloriando de sua suposta vitória no jogo-do-bicho, Vivaldo entra na sala. A entrada de Vivaldo interrompe a fala de Inocêncio, que vai ao encontro do amigo a fim de dar-lhe um abraço. Acerca do uso da **vírgula**, Bechara (1999, p. 609-610) diz que ela é empregada para separar vocativos, repetições, termos coordenados, oração adjetiva de valor explicativo, orações coordenadas aditivas proferidas com pausa, orações coordenadas alternativas proferidas com pausa etc. Com base nesse conhecimento, tem-se que, em “Vão-se todos pro inferno, magote de miserável!” (linha 15), a **vírgula** é usada para separar vocativo, visto tratar-se de um vocativo a expressão “magote de miserável”. Acerca do vocativo, diz Bechara (1999, p. 460): “Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entonação exclamativa, o vocativo cumpre a função apelativa de 2ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos: *José, vem cá! Tu, meu irmão, precisas estudar! Felicidade, onde te escondes?*” Em “Era uma voz de rapazote chamando Vivaldo, que se ausentara um momento” (linhas 02-03), a **vírgula** é usada para separar oração adjetiva de valor explicativo, “que se ausentara um momento” traduz uma explicação sobre a personagem Vivaldo. Acerca do uso do **travessão**, lê-se em Bechara (1999, p.612) que o travessão pode denotar pausa mais forte, assinalar intercalação de expressão, indicar mudança de interlocutor na transcrição de um diálogo. Com base nesse conhecimento, tem-se que, em “– Olhe aqui! Seu Vivaldo pediu para informar a milhar assim que corresse.” (linha 04), o **travessão** é usado para indicar que se está transcrevendo a fala do interlocutor de Inocêncio no momento em que este atende ao telefone.

Pontuação: A questão vale dez pontos, sendo dois para cada indicação de resposta correta.

07. As formas da língua assumem, nos textos, funções sintático-semânticas diversas: sujeito, predicado, adjunto adnominal, adjunto adverbial, complemento verbal, entre outras.

A. Preencha os parênteses com V ou F, conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma sobre as funções sintático-semânticas exercidas pelos elementos destacados nos itens que seguem.

A.1. () O pronome “lhe” (linha 13) exerce a mesma função que a expressão “desta droga” (linha 14).

A.2. () O pronome “lhe” (linha 27) exerce a mesma função que o nome “Vivaldo” (linha 03).

A.3. () O pronome “ele” (linha 02) exerce a mesma função que o pronome “ele” (linha 04).

A.4. () A oração “que se ausentara um momento” (linha 03) exerce a mesma função que a oração “que deu o touro na 0084” (linhas 04-05).

A.5. () A expressão “num gesto nervoso” (linha 07) exerce a mesma função que “aos gritos” (linhas 09- 10).

A.6. () A expressão “o riso da vitória” (linha 19) exerce a mesma função que “uma expressão velhaca” (linha 24).

B. Dos parágrafos do texto indicados nos parênteses, em cada item, transcreva uma oração:

B.1. com função adverbial, que exprime noção de tempo (2º parágrafo).

B.2. com função adjetiva (3º parágrafo).

B.3. reduzida, com função adverbial (6º parágrafo).

B.4. com função substantiva (8º parágrafo).

Questão 07

Respostas do item A: A.1.(F); A.2.(F); A.3. (F); A.4. (F); A.5. (V); A.6. (V).

Respostas do item B: B.1. “assim que corresse”; B.2. “que tinha jogado”; B.3. “agitando a pule como bandeira da vitória”; B.4. “que Vivaldo lhe pregara uma peça” ou “que a estória toda da milhar não passava de um trote”.

Comentário: A questão 07 explora funções sintático-semânticas. O que se afirma em A.1 é **falso**. O pronome “lhe” (linha 13) exerce função de adjunto adnominal. No contexto, lê-se que “E adiante do gerente gordo, atônito, lento, instalado como um rei, abanou-lhe o queixo com a pule” (linha 13), ou seja, Inocêncio abanou o queixo do gerente com a pule. Por sua vez, a expressão “desta droga” (linha 14) exerce a função de objeto indireto do verbo “precisar”. No contexto, lê-se: “Não preciso mais desta droga nem uma hora!” (linha 14). O que se afirma em A.2 é **falso**. O pronome “lhe” (linha 27) exerce função de objeto indireto. No contexto, lê-se que “O qual riso, crescendo numa crise incontida, explodiu numa gargalhada achincalhante, revelando, sem palavras, que Vivaldo lhe pregara uma peça e que a estória toda da milhar não passava de um trote” (linhas 28-30), ou seja, Vivaldo **em Inocêncio** (objeto indireto) pregara **uma peça** (objeto direto). Por sua vez, o nome próprio “Vivaldo” (linha 03) exerce função de objeto direto. No contexto, lê-se: “Era uma voz de rapazote chamando Vivaldo, que se ausentara um momento (linhas 02-03). O que se afirma em A.3 é **falso**. O pronome “ele” (linha 02) exerce função de sujeito do verbo atender (“atendeu”). No contexto, lê-se que “o telefone tocou, na mesa vizinha, ele atendeu.” (linha 02). Por sua vez, o pronome “ele” (linha 04) exerce função de objeto indireto do verbo dizer (“diga”). No contexto, lê-se que “Por favor, diga a ele que deu o touro na 0084.” (linhas 04-05), ou seja, diga **a Vivaldo** (objeto indireto) isto. O que se afirma em A.4 é **falso**. A oração “que se ausentara um momento” (linha 03) exerce função adjetiva com valor explicativo, o que justifica a vírgula que a separa da oração principal. Por sua vez, a oração “que deu o touro

na 0084” (linhas 04-05) exerce função de objeto direto do verbo dizer (“diga”). No contexto, lê-se que “Por favor, diga a ele que deu o touro na 0084.” (linhas 04-05), ou seja, diga a **Vivaldo** (objeto indireto) **isto (que deu o touro na 0084)** – objeto direto. O que se afirma em A.5 é **verdadeiro**. A expressão “num gesto nervoso” (linha 07) exerce função adverbial. Trata-se de um adjunto adverbial de modo. A expressão “aos gritos” (linhas 09-10) também exerce função adverbial, acrescentando à oração da qual é parte noção de modo. O que se afirma em A.6 é **verdadeiro**. A expressão “o riso da vitória” (linha 19) exerce função de objeto direto do verbo rir (“riu”). A construção “uma expressão velhaca” (linha 24) também exerce função de objeto direto do verbo surpreender (“surpreendeu”). O item **B** da questão, por seu turno, solicita ao candidato que transcreva, do texto, orações que exerçam, respectivamente, as seguintes funções: adverbial (itens B.1 e B.3), adjetiva (item B.2) e substantiva (item B.4). Obteve êxito o candidato que transcreveu, respectivamente, as orações “assim que corresse” (linha 04), para o item B.1; “que tinha jogado” (linha 07), para o item B.2; “agitando a pule como bandeira da vitória” (linha 19), para o item B.3; “que Vivaldo lhe pregara uma peça” (linha 27) ou “que a estória toda da milhar não passava de um trote” (linha 27), para o item B.4.

Pontuação: A questão vale dez pontos e é composta de dois itens: o **A** vale seis pontos, um para cada preenchimento correto; o **B** vale quatro pontos, um para cada transcrição correta.

08. No quadro que segue, registram-se vocábulos da crônica “Touro, na 0084”. Assinale, na coluna da direita, apenas as cinco palavras que atendam, ao mesmo tempo, aos dois critérios que seguem:

i) a palavra deve ser formada por derivação sufixal;

ii) a palavra deve ter o número de letras diferente do número de fonemas.

ANGUSTIOSA	()
DESLIGADO	()
RAPAZOTE	()
INCAPAZ	()
TRIUNFANTE	()
VELHACA	()
SERVIL	()
VIOLENTAMENTE	()
INESQUECÍVEL	()
COMPANHEIRO	()

Questão 08

Respostas: angustiosa; velhaca; triunfante; violentamente; companheiro.

Comentário: A questão 08 avalia os conhecimentos de morfologia e fonética dos candidatos, requerendo que o candidato assinale, na coluna da direita, apenas as cinco palavras formadas por **derivação sufixal**, nas quais **o número de letras seja diferente do número de fonemas**. Atendem simultaneamente aos dois requisitos: *angustiosa*, *velhaca*, *triumfante*, *violentamente* e *companheiro*. Essas cinco unidades são formadas por derivação sufixal, pois se constata, respectivamente, a presença dos sufixos “-osa”, “-aca”, “-ante”, “-mente” e “-eiro” na formação destas palavras derivadas. Além disso, todas elas apresentam dígrafos, daí possuírem o número de letras maior que o de fonemas. Acerca do **dígrafo**, lê-se em Bechara (1999, p.72) que “não há de confundir *dígrafo* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: paSSo, CHá, maNHã, paLHa, ENviar, maNdar. Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais. Os dígrafos para consoantes são *ch*, *lh*, *nh*, *sc*, *sç*, *xc*, *rr*, *ss*, *qu*, *gu*, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*. Para as vogais nasais: *am* ou *an*; *em* ou *en*; *im* ou *in*; *om* ou *on*; *um* ou *un*.” Assim, tem-se que a unidade lexical *angustiosa* é formada por derivação sufixal e tem dez letras e nove fonemas. A palavra *velhaca* é formada por derivação sufixal e tem sete letras e seis fonemas. Em *triumfante*, formada por derivação sufixal, há dez letras e oito fonemas. Por sua vez, *violentamente* é formada por derivação sufixal e é constituída de treze letras e onze fonemas. A unidade lexical *companheiro* é formada por derivação sufixal e apresenta onze letras e nove fonemas. Quanto às unidades lexicais *rapazote*, *servil* e *palidez*, embora formadas por derivação sufixal, o número de letras é igual ao número de fonemas. Em *rapazote* há oito letras e oito fonemas; *servil* tem seis letras e seis fonemas, *palidez* tem sete letras e sete fonemas. Quanto à palavra *inesquecível*, ela é formada por derivação prefixal e sufixal e é constituída de doze

letras e onze fonemas. Por fim, *incapaz* é formada por derivação prefixal e tem sete letras e seis fonemas.

Pontuação: A questão vale dez pontos, sendo dois para cada preenchimento correto: angustiosa (2 pontos); velhaca (2 pontos); triunfante (2 pontos); violentamente (2 pontos); companheiro (2 pontos). Às respostas que atendem a apenas um dos critérios, atribuir-se-á somente um ponto. Assim, rapazote (1 ponto); servil (1 ponto); inesquecível (1 ponto); palidez (1 ponto) incapaz (1 ponto).

